



MODA, SUSTENTABILIDADE E EMERGÊNCIAS

Ana Mery Sehbe De Carli
Bernardete Lenita Susin Venzon
(Orgs.)



Padrão de beleza: (des)equilíbrios

Rosita Esteves

Universidade de Caxias do Sul (UCS), RS
roesteves@terra.com.br

1 PADRÃO DE BELEZA

O padrão de beleza se refere ao modelo de beleza propagado pela cultura, no qual a maioria das pessoas geralmente sente-se aprisionada. Desse modo, o estabelecimento de um padrão de beleza tende a promover a uniformização de comportamentos, com vistas a corresponder ao modelo padronizado.

Em um sentido amplo, *padrão* remete a um *modelo*, como um *representante típico de uma categoria*. Assim, o padrão refere-se a um *modelo aprovado*, que serve de base comparativa, enquanto *padrão a ser imitado* ou como *fonte de inspiração*. (HOVAISS, 2001).

Sob esse prisma, *padrão* pode ser relacionado com equilíbrio quando representa moderação, harmonia e estabilidade. O que corresponde ao padrão é considerado *normal* ou *saudável* e, de modo oposto, o que não corresponde, o que está fora do padrão, pertence à classificação do *anormal* ou *patológico*.

E quando o próprio "padrão" se apresenta como um *modelo patológico*? Nesse caso, o que foi padronizado como modelo não corresponde ao que é avaliado como saudável. Um exemplo de *padrão patológico* é a excessiva magreza dos corpos na contemporaneidade, destacados como padrão de beleza do corpo. O corpo excessivamente magro, supervalorizado pela cultura, como padrão de beleza, não corresponde ao corpo classificado como *eutrófico*, saudável, pela Organização Mundial da Saúde (WHO, 1995), mas pertence à categoria da magreza patológica.

1.1 Breve histórico

O padrão de beleza contém as referências da beleza e dos padrões estéticos e, como estes, muda ao longo do tempo. Assim, cada época constrói seu padrão de beleza a partir dos aspectos históricos, sociais, culturais e econômicos.

O que pode ser considerado constante e permanente consiste na atenção e na preocupação do ser humano com a beleza. Esta existe desde os tempos mais remotos, sendo inclusive atribuída ao embelezamento e à decoração do corpo, a primeira função da vestimenta seguida, posteriormente, da função de proteção e do cuidado pudico.

O padrão de beleza na atualidade coloca essencialmente o corpo em evidência. O corpo é sobrevalorizado de modo especial no mundo *fashion*, no qual as modelos são consideradas um padrão de beleza a ser imitado.

Especificamente em relação ao padrão de beleza corporal, na Idade Média até o final do século XIX, a beleza residia no corpo feminino forte e volumoso, simbolizando vitalidade, fertilidade e saúde. Segundo Eco (2010), a arte retrata a história da beleza através dos séculos.

O padrão de beleza corporal mudou mais rapidamente a partir do início do século XX que, de acordo com Del Priore (2000), marca o início do padrão de mulher magra. Ganha destaque o corpo mais magro e mais masculino. Frente a esse novo padrão, através da moda, as roupas passaram a dissimular os seios e quadris avantajados. A estilista Coco Chanel foi uma representante dessa época.

A valorização da silhueta longilínea se manteve na década de 30 e 40, principalmente sob a influência do cinema. (FAUX, 2000). As atrizes Greta Garbo e Rita Hayworth foram representantes desse padrão de beleza.

Na década de 50, o padrão de beleza incrementou a feminilidade através do corpo com volume, mas curvilíneo, com cintura pequena e bem-delineada, apresentando simetria entre busto e quadril. (FAUX, 2000). Esse padrão de beleza foi representado pelas estrelas norte-americanas Marilyn Monroe e Grace Kelly.

Uma mudança significativa iniciou na década de 60 com a exaltação mais proeminente do corpo magro. A modelo britânica Twiggy foi destacada como padrão de beleza, sendo considerada a primeira *top model* do mundo. (FAUX, 2000). A partir desse período, iniciou a obsessão pela magreza do corpo. Na década de 70, foi adicionada ao corpo magro a aparência de pele bronzeada, como um ingrediente do padrão de beleza.

Nos anos 80, ocorreu um incremento ao corpo magro e escultural. Decorreu daí a exacerbação do culto à magreza levando, especialmente as mulheres, às academias para trabalharem seu corpo. O ícone dessa época foi representado por Jane Fonda. (FAUX, 2000).

Nesse período houve, também, um aumento significativo na busca da manipulação do corpo através da clínica estética. A preocupação com o emagrecimento do corpo deu início a problemas na ordem dos transtornos alimentares, que se manifestaram como tentativas desesperadas e patológicas de ir ao encontro do padrão de beleza do corpo magérrimo valorizado pela cultura. A supervalorização do corpo muito magro, que ainda se mantém até os dias atuais, teve nesse período sua inspiração na modelo britânica Kate Moss. (FAUX, 2000).

Na década de 90, seios fartos e volumosos também passaram a fazer parte do padrão de beleza. Daí decorreu uma nova manipulação do corpo, através de um grande número de cirurgias estéticas para implante de próteses de silicone nos seios.

No final do século XX e início do século XXI, o culto à magreza seguiu ganhando força. Uma representante do padrão de beleza desse período é a modelo brasileira Gisele Bündchen.

2 PADRÃO DE BELEZA NA CONTEMPORANEIDADE

Na cultura atual, denominada *cultura do narcisismo* por Lasch (1983), a imagem ganha a cena. Também é chamada de *sociedade do espetáculo*, por Debord (1997), devido à ênfase no *parecer*, em detrimento do *ser* ou *ter*, mais uma vez exaltando a imagem.

A imagem é o tópico de maior relevância na contemporaneidade. Desse modo, constrói-se a ditadura da beleza da imagem e da aparência. A excessiva atenção dada à exterioridade vem acompanhada de uma enorme restrição à interioridade, enquanto representação do mundo interno, psíquico, emocional. (BIRMAN, 1999). Vale o que se aparenta e não o que se é. Mais uma faceta do mundo globalizado, veloz, que prioriza a ação, o fazer, o ato em detrimento da reflexão e do pensar.

Nessa perspectiva da aparência, o padrão de beleza da atualidade exalta o corpo perfeito, magro, malhado e jovem... eternamente jovem. Entretanto, o corpo real dificilmente corresponde ao corpo ideal, perfeito. Daí decorrem frustrações, insatisfação com o corpo e sentimentos de inferioridade. Visando a combater e eliminar essas emoções dolorosas, com a expectativa de conquistar o padrão do corpo perfeito, lança-se

mão de múltiplos recursos que o mercado coloca à disposição do consumidor com numerosas facilidades. Assim, inicia-se o processo de construção e reconstrução do corpo, através de programas estéticos, técnicas de rejuvenescimento, indústria dos cosméticos, intervenções cirúrgicas, entre outros.

Na contemporaneidade, além do corpo magro, a silhueta mais delineada ganhou expressão. A concepção do corpo é de um corpo maleável, que pode ser moldado como o sujeito desejar. Na tentativa de aproximar o corpo do padrão de beleza ideal vigente, o corpo passa a ser moldado através de intervenções que o transformam. (MALDONADO, 2006). Daí decorre o incremento de atividades físicas, dietas alimentares restritivas e tratamentos estéticos, especialmente cirurgias plásticas estéticas.

Ao mesmo tempo em que o padrão de beleza exalta o corpo magro, observa-se uma tendência mundial em relação à obesidade, gerando preocupação com os aspectos patológicos relativos ao excesso de peso corporal. Segundo estimativas da *World Health Organization* (WHO, 1998; WHO, 2006), no ano de 2015, aproximadamente 2,3 bilhões de adultos estarão acima do peso e 700 milhões serão obesos. Nos países desenvolvidos, a relação comida *versus* magreza chega a ser perversa, pois a mídia mostra mulheres magras e grande quantidade de comida facilmente adquirida. Contrasta com a ditadura do corpo perfeito imposto pela própria mídia.

A atenção e o cuidado com o corpo, tanto em relação à saúde física como à aparência, revelam uma relação saudável do sujeito com o mesmo. Apenas o excesso de zelo pode apresentar aspectos que preocupam, podendo indicar um desequilíbrio do sujeito frente à busca exagerada pelo padrão de beleza.

3 PADRÃO DE BELEZA: PSICANÁLISE

A reflexão psicanalítica sobre o padrão de beleza se articula com a perspectiva da construção da subjetividade. Hume (1973), pensador e filósofo escocês, afirmou que “a beleza não é uma qualidade das coisas por si mesmas. Ela existe meramente na mente que as contempla, e cada mente percebe uma diferente beleza”. (HUME, 1973, p. 316). Esse pensamento deu origem à máxima “a beleza está no olhar de quem a contempla”.

3.1 Padrão de beleza: desejo

A satisfação de desejo tem como meta a obtenção de prazer, ao menos no que se refere ao sistema psíquico inconsciente. (FREUD, 1915). Sob essa perspectiva, o desejo de atrair o olhar do outro é um dos fatores que sustenta a busca pelo padrão de beleza.

De acordo com Costa (2004), o sujeito deseja fazer o outro o desejar, e seu prazer consiste em alcançar, na realidade ou na fantasia, o que antecipou na sua imaginação. O valor imputado ao olhar do outro é exacerbado na atualidade, o que pode levar o sujeito a não medir esforços para capturar tal olhar. O desejo de ser olhado, admirado, desejado ou até invejado leva o sujeito a aderir ao padrão de beleza e aos sacrifícios por ele impostos.

O padrão de beleza também está a serviço da satisfação de desejos de ascensão social, acadêmica, profissional e afetiva. Da mesma forma, está articulado à sensualidade, e ambos são altamente valorizados nas relações sociais. Essa relação entre padrão de beleza e sucesso está no imaginário da sociedade, sendo propagada pelas mídias que valorizam e ditam o padrão de beleza. (KEHL, 2004).

3.2 Padrão de beleza: narcisismo

O narcisismo se refere ao investimento libidinal do sujeito dirigido a si próprio. Diferencia-se do amor objetal, que diz respeito à capacidade do sujeito direcionar libido para o outro. (FREUD, 1914). O narcisismo é uma etapa normal do desenvolvimento infantil, e apenas se torna patológico no adulto se o investimento libidinal em si próprio for excessivo.

Na vivência narcísica, o sujeito se percebe perfeito, belo, maravilhoso. Sob esse prisma, o padrão de beleza apresenta uma proposta muito similar, na medida em que não há espaço para falhas e imperfeições.

O sujeito investe em si, orientado pelos padrões de beleza, na busca do investimento do outro. No princípio, o sujeito deseja que seus pais o olhem e admirem. Para tanto, tenta corresponder às expectativas dos mesmos. Posteriormente, os outros e a sociedade de modo geral ocupam esse lugar. Segundo Santaella (2004), a sociedade cria um ideal narcísico que é imposto para as pessoas, e estas vão se submeter e se empenhar para corresponder, mesmo que inconscientemente.

Ao mesmo tempo em que o sujeito deseja amadurecer, tendo autonomia e independência, está aprisionado ao padrão de beleza, submisso aos encantos da imagem e ao desejo do olhar do outro. Assim,

o sujeito se torna dependente do outro, na medida em que o olhar deste certifica sua existência.

A adequação ao padrão de beleza protegeria o sujeito do olhar ambíguo de admiração e recriminação do outro, pois na sua fantasia, se estiver dentro do padrão será sempre aceito, revivendo a aceitação da infância e resguardando seu narcisismo. (COSTA, 2004).

Um narcisismo bem-constituído, a partir das relações infantis, deixa como resultado uma autoestima saudável, positiva e fortalecida. A autoestima pode ser entendida como o valor que o sujeito atribui a si próprio. Desse modo, com um narcisismo bem-formado, a autoestima busca sua regulação desde seu mundo interno, não necessitando se aprisionar ao padrão de beleza proposto pela cultura, para se sentir com valor. De modo oposto, quando a autoestima é baixa, os ditames do mundo externo, entre os quais se inclui o padrão de beleza proposto pelo social, adquirem valor excessivo e passam a regulá-la. Nesse sentido, pode-se entender a busca desmedida pela perfeição, incentivada pelo padrão de beleza atual, como encobridora de falhas na autoestima.

3.3 Padrão de beleza: identidade x identificação

A identidade pode ser compreendida como o conjunto de características próprias e exclusivas de um sujeito. Refere-se à possibilidade de o sujeito sentir-se único e distinto dos demais, configurando uma representação de si mesmo. (GRINBERG; GRINBERG, 1980).

A identificação, por sua vez, diz respeito a um processo psicológico através do qual o sujeito assimila propriedades e características de outro, que é tomado como modelo, transformando-se de modo parcial ou total. (LAPLANCHE; PONTALIS, 1976).

O padrão de beleza não traz prejuízos ao sujeito quando este preserva sua identidade, isto é, sabe quem é sem necessitar aderir violentamente a uma identificação massificada, para dar sentido à sua existência. Isso porque o sentido encontra-se no interior do sujeito e não é ditado pelos padrões externos.

A adesão cega ao padrão de beleza propagado pela sociedade pode representar uma tentativa de identificação a serviço de encobrir falhas na identidade.

3.4 Padrão de beleza: subjetividade, vazio existencial e pertencimento

A subjetividade corresponde ao mundo interno, ao psiquismo do sujeito. É composta por emoções, sentimentos e pensamentos e caracteriza o modo íntimo e particular como cada sujeito processa, ao longo da vida, as situações que experiencia.

O excessivo investimento do sujeito nos ditames da exterioridade, em relação ao padrão de beleza, sem escuta para os desejos e as peculiaridades provenientes do mundo interno, da subjetividade, acarreta o afastamento da sua interioridade. Sob essa ótica, pode contribuir para o desencadeamento de transtornos de identidade, gerando o vazio existencial, na medida em que o sentido pertencente à interioridade sucumbe frente ao apelo dos padrões externos.

Muitas vezes, situações conflitivas internas são deslocadas para a ideia de que a transformação do corpo, com vistas a corresponder ao padrão de beleza, eliminaria as angústias e demais conflitos. (KEHL, 2004). Engano. Para o alívio do sofrimento psíquico é necessário desbravar o mundo interno, em busca da tradução dos enigmas, ressignificando as vivências e (re)construindo a história. O padrão externo não pode substituir as necessidades subjetivas e daí decorre o sentimento de vazio, de sem sentido.

A busca por corresponder a *padrões* tem a meta de gerar sensação de pertencimento. O mesmo se dá em relação ao padrão de beleza. O desequilíbrio está em perder-se de si mesmo para corresponder excessivamente, no todo, ao padrão externo. Frente ao vazio emocional, ao oco da subjetividade, o padrão de beleza é um convite para pertencer e ter uma identificação.

4 PADRÃO DE BELEZA E DESEQUILÍBRIOS

É salutar estar em sintonia com o mundo, com a realidade externa e assim com as propostas da moda. O desequilíbrio se manifesta quando o sujeito se deixa manipular pelo padrão de beleza imposto, como se fosse um bebê, incapaz de cuidar de si próprio.

Os desequilíbrios frente ao padrão de beleza podem emergir a partir da vulnerabilidade psíquica de cada sujeito, bem como de sua constituição psíquica. A entrega desmedida aos ditames do padrão de beleza revela um sujeito infantilizado, com falhas na construção de sua identidade.

Não sabendo bem quem é, busca intensamente que o padrão externo lhe devolva uma identidade padronizada.

A influência excessiva do padrão de beleza apresenta resultados preocupantes, como insatisfação com a própria imagem, angústia, depressão, obsessão pela magreza, dietas alimentares patológicas, distúrbios alimentares, excesso de práticas físicas e de cirurgias estéticas.

Estudos apontam que a insatisfação com a imagem, principalmente com a forma e o peso corporal, é bastante expressiva (ALVARENGA; LOURENÇO; SATO; SCAGLIUSI; PHILIPPI, 2010; COQUEIRO; PETROSKI; PELEGRINI; BARBOSA, 2008). O medo de engordar foi destacado como um dos mais significativos entre adolescentes femininas. (MALDONADO, 2006).

A insatisfação com a imagem do corpo, associada à excessiva exigência de se enquadrar no padrão de beleza, desencadeia perturbações emocionais, mais frequentemente angústias (MASSET; SAFONS, 2008) e depressão (KEEL et al., 2001; WIEDERMAN; PRYOR, 2000).

Outra manifestação provocada pelo desequilíbrio do padrão de beleza refere-se à obsessão pela magreza: no Brasil, estimativas apontam que mais de 10 milhões de pessoas realizam algum tipo de dieta para emagrecer. Destas, 35% fazem dietas para emagrecer, ditas *normais*, progridem para dietas patológicas. E, desse percentual, estima-se que um em cada quatro desses casos evolui para um distúrbio alimentar. (MELIN, 2008).

Os distúrbios alimentares são graves perturbações do comportamento alimentar, que também podem ser desencadeados pela difusão do padrão de beleza corporal (OLIVEIRA; HUTZ, 2010). Entre os distúrbios alimentares destaca-se o incremento dos casos de anorexia e bulimia. São doenças diretamente relacionadas com o conceito de padrão de beleza da sociedade moderna, prevalecendo na fase da adolescência e no gênero feminino.

A anorexia se caracteriza pela recusa alimentar, percepção distorcida do corpo, negação da magreza e insistência em perder mais peso. (DSM-IV-TR, 2002). O anoréxico, além da dieta para emagrecer, faz jejuns prolongados e se submete a exercícios físicos intensos. É um sacrifício realizado em prol da magreza do corpo, enquanto exaltada pelo padrão de beleza, sem considerar os prejuízos à saúde física e mental.

Na bulimia, também se observa uma grande preocupação com a forma e o peso corporal; porém, os impulsos são menos contidos, havendo a compulsão alimentar seguida da purga. O vômito autoinduzido é o método mais praticado, seguido do uso de laxantes e diuréticos.

Por fim, pode-se citar que os desequilíbrios do padrão de beleza se manifestam também pelo excesso de práticas físicas e de cirurgias estéticas. Através de cirurgia plástica, o sujeito pode modificar diferentes partes do corpo, possibilitando adequar-se ao padrão de beleza corporal. Muitas vezes, a motivação para as intervenções estéticas está associada à baixa autoestima, decorrente da insatisfação com o corpo em relação ao padrão.

Eco (2007) denomina de "beleza do consumo", indicando que os ideais de beleza são determinados por interesse econômico. As indústrias de cosméticos e de dietas crescem de modo avassalador em todo o mundo. (WOLF, 1992). É em relação à cirurgia plástica, o Brasil está entre os países que mais realizam intervenções.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente aos apelos da contemporaneidade, da globalização, das imperiosas exigências quanto ao fazer mais e mais, a capacidade de pensar e avaliar a singularidade ficou restringida. Ao mesmo tempo, o padrão de beleza formatado é apresentado para ser consumido. Destaca-se a importância da racionalidade e da reflexão, para fornecer novos significados ao padrão de beleza. Desse modo, o padrão de beleza não será cumprido literalmente, mas avaliado a partir da subjetividade e identidade de cada sujeito.

Para fugir dos padrões, que às vezes agridem tanto o aspecto físico quanto o emocional, talvez seja necessário ressignificar os conceitos de beleza, priorizando os pontos fortes, a fim de descobrir a beleza natural.

O corpo não se reduz a um acessório do sujeito, mas o representa. Portanto, não deve ser submetido e manipulado inescrupulosamente pelos ditames da cultura.

O padrão de beleza que não leva em consideração a beleza natural pode promover desequilíbrios especialmente nas subjetividades com falhas identitárias. Portanto, a associação harmoniosa entre padrão de beleza e cuidado e promoção da saúde parece ser a equação do equilíbrio.

Referências

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. DSM IV-TR. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- ALVARENGA, M. S. et al. Insatisfação com a imagem corporal em universitárias brasileiras. *J Bras Psiquiatr*. 2010; 59(1):44-51. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v59n1/v59n1a07.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2011.
- BIRMAN, J. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- COQUEIRO, R. S. et al. Insatisfação com a imagem corporal: avaliação comparativa da associação com estado nutricional em universitários. *Rev Psiquiatr RS*, n. 30, v. 1, p. 31-38, 2008.
- COSTA, J. F. *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DEL PRIORE, M. *Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil*. São Paulo: Ed. do Senac, 2000.
- ECO, Umberto. *História da beleza*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- FAUX, D. S. *Beleza do século*. São Paulo: Cosac e Naify, 2000.
- FREUD, S. *Sobre o narcisismo: uma introdução*. ESB das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1914/1996. v. XIV.
- FREUD, S. *O Inconsciente*. ESB das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1915/1996. v. XIV.
- GRINBERG, L.; GRINBERG, R. *Identidad y cambio*. Buenos Aires: Ediciones Paidós, 1980.
- HUME, D. *Tratado da natureza humana: uma tentativa de introduzir o método experimental de raciocínio nos assuntos morais*. São Paulo: Unesp, 2001.
- HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. 1 CD-ROM.
- KEEL, P. K. et al. Relationship between depression and body dissatisfaction in women diagnosed with bulimia nervosa. *International Journal of Eating Disorders*, n. 30, p. 48-56, 2001.
- KEHL, M. R. Visibilidade e espetáculo. In: BUCCI, E.; KEHL, M. R. *Videologias*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: M. Fontes, 1976.
- LASCH, C. *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

MALDONADO, G. R. A Educação Física e o adolescente: a imagem corporal e a estética da transformação na mídia impressa. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte* – 2006, 5(1):59-76. Disponível em: <<http://www3.mackenzie.br/editora/index.php/remef/article/view/1302/1006>>. Acesso em: 12 maio 2011.

MASSET, K. V. S. B.; SAFONS, M. P. Excesso de peso e insatisfação com a imagem corporal em mulheres. *Arq Sanny Pesq Saúde*, v. 1, n. 1, p. 38-48, 2008.

MELIN, P. Anorexia nervosa e bulimia nervosa. 2008. Disponível em: <http://www.unesp.br/proex/programas/pdg_anorexia_e_bulimia_masculina.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2011.

OLIVEIRA, L. L.; HUTZ, C. S. Transtornos alimentares: o papel dos aspectos culturais no mundo contemporâneo. *Psicol. estud.* [online]. 2010, v. 15, n. 3. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722010000300015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 abr. 2011.

SANTAELLA, L. *Corpo e comunicação: sintoma e cultura*. São Paulo: Paulus, 2004.

WIEDERMAN, M. W.; PRYOR, T. L. Body dissatisfaction, bulimia, and depression among women: The mediating role of drive for thinness. *International Journal of Eating Disorders*, v. 27, n. 1, p. 90-95, 2000.

WHO. World Health Organization. Expert Committee on Physical Status: The use and interpretation of anthropometry physical status. *Geneva: World Health Organization (WHO Technical Report Series, v. 854)*, 1995. Disponível em: <http://whqlibdoc.who.int/trs/WHO_TRS_854.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2011.

WHO. World Health Organization. Obesity and overweight. Report of the WHO consultation on obesity. Geneva, 2006. Disponível em: <<http://www.who.int/nutrition/publications/obesity/en/>>. Acesso em: 25 maio 2011.

WHO. World Health Organization. Obesity: preventing and managing the global epidemic. Report of WHO. Consultation on Obesity. Geneva: World Health Organization. 1998. Disponível em: <http://whqlibdoc.who.int/trs/WHO_TRS_894.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2011.

WOLF, N. *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contras as mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.